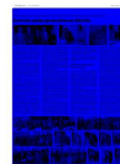


# Recortes de Imprensa

## Fevereiro 2017



Apoio:



ID: 68027042

01-02-2017

▲ Distrito

# Estratégia de Combate à Violência Doméstica e de Género

## Governo assina protocolos no distrito



> A secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Catarina Marcelino, esteve em Portalegre para proceder à assinatura de dois protocolos para a implementação da Estratégia de Combate à Violência Doméstica e de Género, que abrangem o território das 15 Câmaras Municipais da CIMAA - Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo.

Foi assinado protocolo com Cruz Vermelha Portuguesa- Delegação de Portalegre, o qual envolve 29 entidades, incluindo municípios de Arronches, Campo Maior, Castelo de Vide, Elvas, Marvão, Monforte e Portalegre, e um protocolo com APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, envolvendo 30 entidades de Alter, Avis, Crato, Fronteira, Gavião, Nisa, Ponte de Sor e Sousel.

O objectivo desta estratégia é alcançar uma cobertura nacional progressiva dos serviços de apoio e proteção às vítimas de violência doméstica e de género, através de respostas locais que envolvam, de forma articulada, as autarquias, as forças de segurança, a medicina legal, as entidades com competência em matéria de proteção social, as unidades de saúde, os bombeiros, as escolas e as organizações não-governamentais.

A prevenção e o combate à violência doméstica e de género são prioridades definidas no Programa do Governo, através de uma planificação nacional abrangente, com a participação local e implementação de perspectivas integradas, em linha com o definido na Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica (Convenção de Istambul).

Neste sentido, a secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade tem vindo a realizar reuniões descentralizadas pelo país, para discutir com os agentes locais qual o melhor modelo para implementar a Estratégia de Combate à Violência Doméstica e de Género, tendo por base a freguesia, o município ou a comunidade intermunicipal, dependendo da realidade específica de cada território. Os municípios são também incentivados a desenvolver Planos Intermunicipais de Igualdade com uma componente de combate à violência doméstica e de género.

O objetivo é estimular os territórios a desenvolverem, em rede, equipas de combate à violência doméstica e de género, numa perspectiva integrada e inter-municipal. Pretende-se, nomeadamente, que os parceiros promovam as condições necessárias ao apoio e proteção das vítimas, por forma a assegurar a confidencialidade e o eficaz encaminhamento e acolhimento das diferentes situações, a troca regular de informação considerada relevante entre as entidades envolvidas, a harmonização de intervenções, tendo em vista a melhoria das respostas, a realização de ações de formação e informação dirigidas à comunidade, assim como a realização de estudos e diagnósticos que visem a permanente adequação das respostas.

O financiamento será assegurado com recurso a verbas dos jogos sociais, que garantem o funcionamento das equipas técnicas, complementado pelo apoio logístico e financeiro dos municípios para a criação dos espaços de atendimento, telecomunicações, deslocações, entre outros. Os protocolos têm a duração de dois anos

e preveem ainda a constituição de uma Comissão de Acompanhamento, coordenada pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, que se reunirá trimestralmente com as entidades envolvidas.

No total, o Governo prevê investir um milhão de euros na implementação da Estratégia de Combate à Violência Doméstica e de Género.

### Reforçar a capacidade de intervenção

Na sua intervenção, o presidente da APAV, João Lázaro, comprometeu-se a trabalhar para que as comunidades sejam cada vez menos tolerantes à violência doméstica, e o presidente da Cruz Vermelha de Portalegre, Vítor Bucho, garantiu que a instituição pretende continuar a lutar contra este flagelo que é a violência doméstica, dando continuidade ao trabalho que tem desenvolvido de forma «cooperante, profícua e eficiente».

O presidente da CIMAA, Nuno Mocinha, considera que a assinatura destes protocolos representa o «reforço das condições para apoiar pessoas e evitar até a violência doméstica e de género. Ou seja, conseguimos congrega aqui à volta deste protocolo um conjunto de entidades vivas do nosso território com responsabilidades nesta matéria e, ao reforçar a rede, estou convencido que o número de casos irá diminuir», atestou, afirmando ainda que «não podemos esconder que estes casos existem e, por conseguinte, é necessário ter uma actuação mais forte».

O autarca refere também que, «apesar

deste flagelo ocorrer um pouco por todo o distrito, é no concelho de Portalegre, conforme aqui foi referido, que estes números são mais evidentes. Não é que nos outros não existam mas, no fundo, a resposta estava muito concentrada a nível do concelho de Portalegre», constata, sublinhando que, «com este protocolo, temos condições de chegar a todos os concelhos, pelo que estou convencido que, numa primeira fase, os números irão aumentar, dado que passaremos a ter mais conhecimento que eles existem para os podermos prevenir e combater», admite, assegurando mesmo a existência de um compromisso de todos os municípios em lutar contra a violência doméstica.

A secretária de Estado da Cidadania e Igualdade, Catarina Macelino, explicou que estes protocolos surgem pela necessidade sentida de «reforçar o apoio no interior do País, cujas respostas estavam mais centradas, presencialmente, nas capitais de distrito embora agissem em todo o território, mas estamos a falar de equipas pequenas, tornando-se quase impossível responder na mesma posição em todo o território, e por isso quisemos envolver todas estas entidades, que certamente reforçará a capacidade de intervenção», assevera.

Catarina Marcelino sublinha que a intenção é «estarmos mais presentes no apoio às vítimas no terreno, com protocolos de atendimento», pelo que «estes protocolos são de extrema importância», e salientou o papel da CIMAA que «foi muito importante para esta resposta completa e consertada que vai ser dada no território», tendo sido o primeiro protocolo assinado no País que envolve todos os municípios de uma Comunidade Intermunicipal.





## **Discriminação Só um terço faz queixa**

● Quase dois terços das 310 vítimas de discriminação apoiadas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, entre 2011 e 2015, não apresentaram queixa às autoridades. Um quarto dos processos configurava-se como crimes de discriminação, motivados por ódio racial, religioso, político ou orientação sexual.

# Um fenómeno quase invisível

A APAV apoiou, entre 2011 e 2015, 310 vítimas de discriminação. E na maioria dos casos faltou, por opção, a queixa às autoridades. É preciso fazer mais, alerta.



© BENSON KUVA/FUCKR

A orientação sexual é um dos motivos de discriminação e motivadora de crimes de ódio, cá dentro e lá fora

CARLA MARINA MENDES  
cmendes@destak.pt

**R**aça, cor, orientação sexual, origem étnica. Pode ser diferente o que motiva os atos de discriminação, capazes de se tornarem crime de ódio quando das palavras se passa à violência efetiva. Casos que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) conhece bem. Contas feitas, entre 2011 e 2015, a APAV deu apoio a 310 vítimas de discriminação, num conjunto de processos dos quais 24% configuravam crimes de discriminação. Crimes que ficam sem castigo por falta de queixa.

Ao todo, a maioria das vítimas (61,5%) admitiu não ter apresentado

uma queixa às autoridades. Situação que, avança a associação na sua mais recente análise dos dados, é sintomática de um problema. Tendo em conta que, em igual período, se registaram apenas 22 casos reportados às autoridades referentes a crimes contra a identidade cultural e integridade pessoal, «conclui-se acerca da invisibilidade do fenómeno e da necessidade de um trabalho concertado entre as diferentes entidades envolvidas no apoio a vítimas», para que seja maior a sensibilização e maior também «a qualidade do apoio prestado».

O relatório da APAV mostra ainda que, nos 118 casos com a informação disponível, 28% das vítimas tinham entre 35 e 44 anos, às quais se junta-

**62% das vítimas de discriminação apresentaram uma nacionalidade que não a portuguesa**

vam 21,2% na faixa etária dos 45 aos 54 anos, sendo uma parte significativa (31,2%) do total respeitante a jovens adultos (18-34 anos). E com exceção do ano de 2015, o número de processos de vítimas do sexo feminino (53,4%) foi igual ou superior ao número de processos de vítimas do sexo masculino (46,4%). Quanto à nacionalidade, cerca de 62% das vítimas de discriminação apresentaram uma nacionalidade que não a portuguesa.



# Discriminação que se esconde dos holofotes

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima alerta para a «invisibilidade» do fenómeno da discriminação, que leva muitos dos que sofreram na pele a optar por não apresentar uma queixa às autoridades.



# Livro quer ajudar vítimas de violência doméstica

ANA RITA PINTO

*A Coolabora foi palco, na passada sexta-feira, 27, da apresentação da segunda edição do romance "A Mulher Transparente", da autoria de Ana Cristina Silva*

Baseado no ciclo da violência, a obra relata o drama da violência doméstica, e foi publicado pela primeira vez em 2003. Tendo Ana Cristina Silva, escritora e doutorada em Psicologia, decidido reescrevê-lo e doar os direitos da reedição à APAV. Uma decisão influenciada por uma situação que a marcou numa sessão de divulgação da primeira edição de "A Mulher Transparente": "uma mulher espancada há 14 anos disse-me - "parece que me conhece". E eu nunca me esqueci dessas palavras. Este foi um dos motivos pelos quais eu voltei a escrever este livro. Porque considero inadmissível que continue a haver tantas mulheres a viver em prisão domiciliária."

Para a autora "cabe a cada um de nós dar o seu contributo para que cada caso mude de rumo". Considera que "cada episódio de agressão desencadeia nas mulheres um sentimento de choque" e compara o nível de stress pelo qual as vítimas passam semelhante a episódios de tortura. Explica que um dos motivos que a levou a doar o montante dos direitos à APAV foi por entender que "estas vítimas muitas vezes precisam de apoio psicológico e terapia para reconstruir a sua vida".

Por outro lado, Ana Cristina acredita que o seu livro pode ajudar alguém que seja vítima. Razão pela qual deu um final feliz à história: "eu quis que se houvesse mulheres vítimas que lessem isto e que vejam uma luz ao fundo do túnel".

Para Ana Cristina, a violência doméstica não



|| Catarina Marcelino entrega chave da viatura atribuída à Coolabora ||

## Coolabora recebe viatura

**D**urante a apresentação do livro, a secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Catarina Marcelino, entregou a chave da nova viatura que ofereceu à Coolabora.

Uma viatura que o presidente da Câmara Municipal da Covilhã, Vítor Pereira considera vir em "boa hora." Trata-se de "mais uma ferramenta de trabalho para esta associação. Para melhor desenvolver o seu trabalho e acudir às situações clamorosas, mais flagrantes que ocorrem na nossa Cova da Beira".

é um crime qualquer. "Acontece no espaço de uma relação afectiva e essas implicam expectativas implícitas que as pessoas se irão apoiar. Implicam, por inerência, sentimentos de segurança. Por isso, quando acontecem os primeiros episódios de violência, que muitas vezes acontecem no namoro, são habitualmente interpretados por incidentes, são desvalorizados. Esta interpretação é reforçada pelos pedidos de perdão e pelas repetidas declarações de amor do agressor", diz.

Na apresentação, a escritora alertou ainda para a violência que de "epi-sódica" passa a "sistémica". E lembra que "muitas

das vítimas não fazem queixa, porque estão convencidas ou convencem-nas (tal como a minha personagem) que a culpa é delas. E que lhes cabe a responsabilidade pela própria situação de violência".

Prefaciado pela secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Catarina Marcelino, a apresentação do livro na Coolabora contou com a participação da governante. Para ela, este é um livro que "contribui para tornar visível um problema que vive muitas vezes na invisibilidade. Ele é muito interessante porque é duro na imagem clara que mostra da violência".

## Desigualdade de género na base da violência

Catarina Marcelino considera ainda que a desigualdade de género é um dos factores que contribui para as vítimas de violência doméstica serem sobretudo mulheres. "A violência dá-se porque há um desequilíbrio de poder entre quem agride e quem é agredido".

Uma ideia reforçada pela presidente da direcção da Coolabora, Graça Rojão, que entende que "a raiz da violência contra as mulheres está na desigualdade de género. Por muito que nos digam que isso é uma coisa do passado e que não existe, é óbvio que existe".

Ainda na apresentação, Catarina Marcelino defendeu que as casas abrigo devem ser a última resposta. "É muito injusto que uma pessoa que é vítima tenha que ser ela a abandonar a sua casa, a sua comunidade e a ser institucionalizada. Porque por muito boa que a casa abrigo seja, é uma instituição".



ID: 68132319

07-02-2017

Regional

# Apoio às vítimas de violência

Dinamizado pela APAV, Gabinete de Ponte de Sor dará resposta aos concelhos de Gavião, Crato, Alter do Chão, Avis, Sousel e Fronteira

JORGE TRAQUETE  
ecosdosor.r@gmail.com

toloco com vista à implementação desta nova estratégia no concelho.

## Aproximar as respostas à população

Em declarações ao **Ecos do Sor**, Hugo Hilário considera que o novo serviço se reveste de grande importância, não só para o nosso concelho, como para os restantes concelhos aos quais irá dar resposta. "Todos sabemos que a violência doméstica existe e que pode afetar de forma transversal toda a sociedade. Por este motivo, sentimos necessidade de criar condições para apoiar as pessoas que se encontrem em situação de maior vulnerabilidade", começa por dizer. O presidente do Município observa que "a criação do Gabinete de Apoio à vítima irá criar condições "para prestar um atendimento personalizado e confidencial a vítimas de violência doméstica e irá também facilitar o seu acesso ao direito, melhorar o serviço de informação, promover a sua inclusão e o seu bem-estar e fomentar a construção de um plano de intervenção pesso-



al. Trata-se assim de aproximar as respostas à população com o objetivo de poder intervir e quebrar definitivamente o ciclo de violência no qual vivem. Acima de tudo trata-se de fazer pessoas felizes, dar-lhes esperança de um futuro em segurança e com o respeito a que têm direito", acrescenta ao nosso jornal.

## Violência doméstica é real e, como tal, deve ser combatida

Hugo Hilário recorda que o

Município de Ponte de Sor "tem vindo a desenvolver um conjunto de regulamentos e projetos com vista à melhoria das condições de vida dos seus munícipes. Sedear este gabinete e disponibilizar esta resposta em Ponte de Sor é apenas mais um passo com o objetivo de melhorar as condições de apoio e de vida, em especial de quem se encontra em situação de maior vulnerabilidade. Por um lado, trata-se do reconhecimento de que este problema existe e, como tal, deve ser combatido,

por outro, é o reconhecimento do nosso concelho enquanto referência na implementação de Políticas Sociais necessárias à proteção e apoio dos mais desfavorecidos", conclui o presidente do Município de Ponte de Sor. Os protocolos celebrados têm a duração de dois anos e prevêem ainda a constituição de uma Comissão de Acompanhamento, coordenada pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, que se reunirá trimestralmente com as entidades envolvidas.

A Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Catarina Marcelino, esteve em Portalegre a 24 de janeiro para a assinatura de dois protocolos para a implementação da Estratégia de Combate à Violência Doméstica e de Género, na região. Os protocolos foram celebrados com a Delegação de Portalegre da Cruz Vermelha Portuguesa e com a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e abrangem o território das 15 Câmaras Municipais que integram a CIMAA - Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo. Assim, o distrito de Portalegre vai contar com dois gabinetes de apoio especializado às vítimas. Um deles será dinamizado pela APAV, terá sede em Ponte de Sor, e dará resposta aos concelhos de Gavião, Crato, Alter do Chão, Avis, Sousel e Fronteira. O outro gabinete, sediado em Portalegre, dará apoio aos restantes concelhos do distrito. Presente na ocasião, o presidente do Município de Ponte de Sor, assinou o pro-



## APAV ALERTA PARA CASOS DE VIOLÊNCIA FILIOPARENTAL

Entre 2013 a 2015 registou-se um total de 1.777 processos de apoio a pais que foram vítimas de violência doméstica por parte dos seus filhos, revelam as estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Segundo dados da APAV, destes 1.777 processos, 49 por cento tinham 65 ou mais anos de idade e o autor do crime, na sua maioria, é do sexo masculino (65 por cento) e com idades compreendidas entre os 36 e os 45 anos (93 por cento). Destes processos, 25 por cento (488) apresentaram queixa/denúncia da situação.

Este último dado demonstra as barreiras mentais, a dificuldade de acesso e compreensão da informação, a dependência, a vergonha e a fragilidade persistem aliadas à perceção pouco generalizado do problema, dificultando o alcance dos objetivos.

A Violência Filioparental caracteriza-se por atos intencionais de filhos em relação aos pais envolvendo ameaça, intimidação e domínio para a obtenção de controlo e poder sobre eles. Não

é um problema individual ou uma questão restrita ao contexto familiar, é um problema social, de justiça e de saúde pública.

De acordo com a APAV, a vergonha e a manutenção do mito da harmonia familiar favorecem o secretismo em torno deste problema, o que tem contribuído para que a intervenção neste campo não tenha tido o desenvolvimento equivalente ao de outros tipos de violência intrafamiliar, como o abuso/negligência dos filhos ou a violência entre parceiros íntimos.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, ao longo dos anos, tem vindo a alertar a sociedade portuguesa para esta realidade, ainda obscura, da violência doméstica praticada pelos filhos contra os pais.

A Violência Doméstica – Violência Filioparental é um crime público que não pode ser remetido ao silêncio. A APAV está disponível para ajudar através dos diferentes serviços, nomeadamente da Linha de Apoio à Vítima – 116 006 – número gratuito e confidencial.





# Uma verdade escondida – Violência no namoro

## Mas em que consiste afinal a violência no namoro?

### OPINIÃO

Segundo a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), a violência no namoro é definida como um ato de violência, pontual ou contínuo, cometido por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação. Tal controlo pode ser exercido com recurso a violência física, sexual, verbal, psicológica e/ou social. Todas estas formas de violência têm um objetivo comum: magoar, humilhar, controlar e assustar.

Em Portugal, estima-se que 1 em cada 4 jovens sofram de violência durante o namoro. Em 2015 registaram-se 699 casos de violência entre namorados, mais 40% do que no ano anterior (Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses). As vítimas foram maioritariamente mulheres (cerca de 87%). Verificou-se um ligeiro aumento no número de vítimas (de 12 para 13%) do sexo masculino. A agressão física com murros, apertos, tentativa de sufocar pontapés e agressão com facas são os atos utilizados mais comuns. A perseguição e

controlo total da vida no parceiro são outra forma muito utilizada na violência do namoro.

As experiências de abuso físico, psicológico e sexual no contexto do relacionamento íntimo com o parceiro, têm consequências adversas a curto e a longo prazo. A pergunta: "Porque é que se mantém uma relação violenta?" é frequente. Existem muitas razões, mas na maioria dos casos os atos violentos não são constantes, e, geralmente, após a uma situação de violência existe uma fase, que tem o nome de "Lua-de-mel". Nesta fase o agressor tenta desresponsabilizar-se, e mantém a promessa que nunca mais se irá repetir uma situação semelhante. A vítima envolvida emocionalmente acredita que esse episódio não se vai repetir mais e por outro lado existe a vergonha e o medo da separação e da solidão.

Se for vítima de violência no namoro e enquanto não se sentir seguro/a para tomar uma decisão definitiva ou para pedir ajuda, deve adotar as seguintes estratégias:

- Opte por locais públicos e movimentados para estar com o(a) seu(sua) namorado(a). Locais isolados podem colocá-lo em risco.
- Escolha atividades em que esteja na presença de outras pes-



soas (ex.: o grupo de amigos).

- Mude as rotinas.
- Quando sair diga a alguém em que confie onde vai e a que hora prevê regressar.
- Grave contactos telefónicos importantes no telemóvel, para caso precise, poder pedir facilmente ajuda.
- Se sentir que está em perigo, procure imediatamente alguém ou um sítio mais seguro (ex.: um sítio onde estejam mais pessoas). Pode também ligar 112. O profissional que atender a chamada enviará para o local onde se encontrar os meios necessários para o proteger.

Para obter informações sobre

os seus direitos, apoio psicológico e recursos de apoio contate gratuitamente:

- Linha Verde: 800 202 148 (da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género)
- Linha apoio da APAV: 116 006
- Espaço Família na Junta de Freguesia de Aver-o-mar: 252 614 540.

Aproveitando as comemorações do dia de São Valentim, a Equipa para a Prevenção da Violência em Adultos (EPVA) do ACES Póvoa de Varzim, Vila do Conde, irá desenvolver ações de sensibilização junto dos profissionais de saúde e dos seus utentes durante todo o Mês de

Fevereiro relativas à violência nas relações interpessoais. Terão lugar atividades que englobarão escolas e Centros de Dia e a Paróquia de Vila do Conde. Uma parceria inédita que se pretende conjunta e concertada num tema que atinge todas as classes sociais e estratos etários carecendo de intervenção célere junto da comunidade.

A violência nunca é uma forma de expressar amor ou paixão por outra pessoa. Os ciúmes não servem de justificação para qualquer comportamento violento.

A violência no namoro é um crime público inserido no artigo 152º do Código Penal Português e, como tal, qualquer pessoa pode e deve denunciar. A prática deste crime pode levar à condenação de 1 a 5 anos de prisão.

**Pela (EPVA)**  
**Adriana Moura (Médica Interna de MGF)**  
**Helga Martins (Enfermeira)**  
**Elisabete Santos (Enfermeira)**  
**Fátima Meireles (Assistente Social)**  
**Ilda Lordelo (Enfermeira)**  
**Susana Miguel (Psicóloga Clínica)**  
**Vera Pires (Médica de MGF)**



## “Como lidar com a Violência”



Ser vítima de crime pode ser uma experiência difícil e traumática.

Cada um de nós pode ser, num dado momento da vida, vítima de um crime. O impacto do crime na vida da vítima pode ser tremendo e avassalador, dependendo de cada pessoa, do tipo de crime e das suas circunstâncias.

Cada pessoa reage à experiência de ser vítima de crime de forma diferente: enquanto uns conseguem reagir e lidar com isso, prosseguindo a sua vida normal sem que a violência os afete; muitas pessoas sofrem um grande impacto negativo nas suas vidas. Não existe uma maneira “correta” ou “certa” de se reagir ao crime – os sentimentos e as emoções após o crime são reações normais a um acontecimento, esse sim, nada normal – ser vítima de um crime.

Quem é vítima de crime pode sofrer de ansiedade e dificuldade de concentração, sentimento de culpa, depressão, isolamento, perturbações em dormir, entre muitas outras reações.

As pessoas que são vítimas de crime, muitas vezes não sabem, ou têm dúvidas sobre o que fazer. Necessitam de alguém, que de uma forma amiga e

solidária, as possam escutar, compreender e ajudar. A APAV existe para isso: para ouvir, aconselhar e apoiar a vítima de qualquer crime a lidar com os efeitos e consequências do crime. Tenha ou não participado o crime às autoridades.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é uma instituição particular de solidariedade social, ou seja, uma organização sem fins lucrativos e de voluntariado, que apoia, de forma individualizada, qualificada e humanizada, vítimas de crimes, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais.

A Linha de Apoio à Vítima (LAV) da APAV – 116 006 – corresponde ao número de apoio à vítima europeu e é um serviço de atendimento telefónico, gratuito e confidencial, adequado às necessidades de cada vítima de crime e/ou violência, que trabalha numa rede de parcerias com as entidades judiciais e policiais, possibilitando um encaminhamento rápido do caso da vítima para as entidades competentes.

Para a realização do seu objetivo, a APAV propõe-se, nomeadamente:

-A escutar de forma atenta e in-

teressada, informa e aconselha sobre os seus direitos e como exercê-los;

-Esclarecer e acompanhar no relacionamento com as autoridades policiais e judiciais, orientando e ajudando nas diligências a tomar, ajudando a Vítima e seus familiares a superar o sofrimento da violência;

-Ajuda e encaminhamento para as entidades sociais existentes. Presta apoio emocional, jurídico, psicológico e social a quem é vítima de crime e aos seus familiares, desenvolvendo um processo de apoio qualificado. Os serviços de apoio prestados a cada vítima são gratuitos e confidenciais.

A APAV apoia as vítimas de TODOS os crimes, seus familiares e amigos:

**- Pela Linha de Apoio à Vítima 116 006 (chamada gratuita)**

- Diretamente num dos Gabinetes de Apoio à Vítima da APAV Nunca é tarde para uma vida sem violência.

Peça ajuda. Denuncie.

Um Conselho da UCC Felgueiras.

Enfermeiras  
Rosa Neves e Sónia Girão.





## Relação sem violência em jogo web e app

Alunos e professores do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro transformaram o namoro num videogame e só as decisões contrárias à violência permitem concluir o jogo com êxito. O jogador tem um avatar. A narrativa e os sentimentos do personagem (ansiedade, felicidade, raiva...) evoluem de acordo com as atuações do jogador. O protótipo está pronto. O Movimento Democrático das Mulheres pretende desenvolver o videogame em formato web e app para telemóvel durante 18 meses. Nesse período, será experimentado por oito mil jovens no distrito de Aveiro.

**Afetos** Queixas à APAV aumentaram 35% em dois anos e há casos que envolvem adolescentes. Um quarto dos jovens considera normal insultar nas redes sociais

# Há violência entre namorados com 13 anos



FOTOGRAFIA DE CARSTEN ANTONIUS

**Carla Sofia Luz**

carlaluz@jn.pt

► Os pedidos de ajuda de vítimas de violência no namoro têm aumentado nos últimos anos. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um crescimento de 35% nas solicitações entre 2013 e 2015. Em muitos casos, envolvem adolescentes a partir dos 13 anos, com o uso das mensagens dos telemóveis e das redes sociais para dar voz ao ciúme, lançar a perseguição e humilhar o outro. O inquérito anual, feito pela UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, revela que 24% dos jovens inquiridos consideram normal partilhar fotos íntimas ou insultar nas redes sociais.

Há quem ainda não tenha interiorizado que a violência vai além da agressão física e continue a legitimar o controlo do parceiro como prova de afeto. "Os jovens sentem alguma dificuldade em perceber a violência. Estão a ter as primeiras experiências. Acreditam que aquele namoro é a relação mais importante que alguma vez terão e que nunca vão amar tanto. E aceitam, com alguma facilidade, os comportamentos de controlo", atenta Joana Menezes, da APAV, ao JN.

Entre 2013 e 2015 (ainda não há dados disponíveis de 2016), chegaram 450 pedidos de ajuda por violência no namoro e 807 solicitações na sequência de comportamentos violentos de antigos namorados ou namoradas. E tem sido sempre em sentido crescente (127 pedidos de ajuda por violência no namoro em 2013, 151 em 2014 e 172 em 2015), o que não significa que haja mais casos.

### Caminho para a agressão

Fruto da prevenção, "pode haver mais consciência do que é violência no namoro", continua. Não raras vezes, os pedidos partem dos pais, que estranham o comportamento do filho, ou de outros familiares, que não sabem o que fazer para pôr termo à agressão.

"Não podemos dizer que a violência de género tem aumentado. Está mais visível. As pessoas possuem mais meios de apoio e sentem-se mais confiantes para revelar a situação", sublinha Catarina Marcelino. Mas o que mais preocupa a secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade é a legitimação: quando os jovens aceitam os atos de violência como normais. E isso está claro no inquérito da

UMAR a 5500 jovens, quando "14% consideram que a violência psicológica é legítima e que é mais legítimo insultar do que bater em alguém". Esse retrato, que é conhecido hoje com maior detalhe, indica que 19% dos jovens já foram vítimas de violência psicológica.

A governante lembra que, muitas vezes, a violência no namoro na juventude é o início de um trajeto para futuras vítimas e agressores de violência doméstica. O Governo tem sete projetos na área da sensibilização que chegam a mais de 15 mil jovens neste ano letivo nos ensinos Secundário e Superior, no valor de 650 mil euros. "É um dinheiro bem empregue", afirma Catarina Marcelino. "Estamos a prevenir aquilo que mais tarde se traduz nos homicídios conjugais e nos números da violência doméstica. Não podemos aceitar essa realidade." ●

## Academias 50 mil euros para alertar os universitários

● Catarina Marcelino crê que a sensibilização para a violência no namoro tem melhores resultados quando são jovens a falar para outros jovens. Daí que a secretária de Estado tenha avançado, em colaboração com as federações e associações académicas, com a campanha "Muda de curso". O próximo passo é dado hoje com o lançamento da linha de financiamento de 50 mil euros para projetos criativos das associações, que podem passar, por exemplo, por seminários, teatros, concertos. Cada projeto receberá até cinco mil euros. As candidaturas terão de ser apresentadas até maio e os projetos estarão no terreno no próximo ano letivo.

### pormenores :

# 13

homens condenados por homicídio conjugal entre 2009 e 2015: sete ex-namorados e seis namorados.



# Violência no namoro Pedidos de ajuda começam aos 13 P. 6

# PSP registou 1787 casos de violência no namoro entre jovens alunos

**Alerta.** Queixas aumentaram nos últimos anos e com maior incidência entre ex-namorados. PSP e APAV fazem ações de sensibilização

RUTE COELHO

Mantuela (nome fictício), de 20 anos, da geração das redes sociais e da informação ao segundo, era vítima numa relação de violência com o namorado. Humilhada verbalmente em frente aos amigos dele, era também agredida quando estavam sós. A jovem, ainda a estudar numa escola secundária, nunca teve coragem de contar aos pais, com quem vivia, até porque o namoro era recente. Um dia, lembrou-se de uma ação de sensibilização para a violência no namoro que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tinha feito no liceu. Falou com uma amiga e dirigiu-se à APAV. Ia finalmente denunciar o que estava a viver e pedir apoio. O caso foi contado ao DN pela psicóloga Helena Sampaio, da APAV, que tem experiência no atendimento de vítimas e nas ações de sensibilização sobre o tema nas escolas.

"A violência no namoro é transversal a idades e a classes sociais e cada vez mais expressiva", afirma perentória Helena Sampaio. Os últimos dados oficiais da PSP de 2016, do Programa Escola Segura, que abrange 1,1 milhões de alunos, mostram a dimensão do fenómeno: 1787 casos denunciados à polícia, a maioria dos quais (1020) entre ex-namorados – que não aceitam o fim da relação e reagem agressivamente – e 767 entre namorados. Desses, 103 ocorreram entre menores de 17 anos: 58 entre ex-namorados e 45 entre namorados.

Há três anos que a violência no namoro tem vindo a aumentar, com a maior subida a registar-se de 2013 para 2014 (mais 501 casos), au-

mento explicado pelo facto de esta prática ter passado a ser punida criminalmente a partir de 2013, integrada no crime público de violência doméstica. Helena Sampaio, que tem realizado ações de sensibilização nas escolas, garante que encontra muitos casos de "violência mútua" entre os jovens namorados. "Começa pela violência verbal nas redes sociais e depois evolui para a agressão física, a ponto de rapaz e rapariga serem ambos vítimas e agressores, num duplo papel". E admite que há uma "banalização dos atos de violência entre jovens".

Apesar de os números de 2016 indicarem que houve quase dois mil casos registados pela PSP, o subintendente Hugo Guinote, coordenador do Programa Escola Segura, ressalva que as ocorrências entre menores de 17 anos são apenas 5,80% do total de casos, "mantendo-se estabilizada esta proporção em 2015 (5,83%) e em 2016 (5,76%)".

Os dados mostram que as denúncias têm vindo a aumentar nos últimos anos. "Atendendo a que as ações de sensibilização, especificamente sobre esta temática, têm vindo a aumentar em proporções



muito mais acentuadas – tendo-se verificado mais 37,75% de ações de 2014 para 2015 e mais 32,5% de 2015 para 2016 – e a própria comunidade escolar se tem mobilizado muito mais na denúncia, este ligeiro aumento é uma evidência do período de desocultação que ainda estaremos a atravessar, e que é precisamente um dos objetivos do Programa Escola Segura", referiu.

**Namorados escolhem as roupas** Daniel Cotrim, assessor técnico da direção da APAV, conhece a realidade pelas ações de sensibilização nas escolas. "A verdade é que em 2017 as raparigas portuguesas ainda não contam aos pais que têm namorado." Sublinhando que esse paradigma "tem de ser alterado",

Cotrim recorda o que tem notado nas estudantes: "A grande maioria das raparigas dizem que os namorados é que lhes escolhem as roupas quando vão sair na sexta-feira à noite e que eles têm acesso às passwords de e-mail e Facebook (e o contrário não acontece), que a primeira relação sexual é quase forçada, o ciúme desmesurado é visto como natural e a traição deles como uma falha delas." Quando as vítimas são menores, a APAV contacta os pais e incentiva-os a assistir às consultas de acompanhamento. "A maior parte dos pais são apanhados de surpresa. Primeiro não acreditam, depois ficam irritados por não saberem do namoro e acabam por se culpar a eles próprios."

## Maioria dos processos acabam arquivados

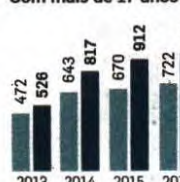
**ÁREA PENAL** Em 33 841 inquéritos por violência doméstica, de 2012 a 2015, 78% resultaram em arquivamento, segundo dados do MAI

A violência no namoro, punida ao abrigo do crime de violência doméstica, não precisa de queixa da vítima para ser investigada. É crime público: qualquer um pode denunciar os factos, ou o Ministério Público abrir um processo assim que tome conhecimento de uma situação dessas. Como não há separação nas estatísticas entre a violência no namoro e a violência doméstica – sendo apenas esta a registada –, o que se verifica é que neste crime a maior parte dos processos abertos pelo Ministério Público de 2012 a 2015 resultaram em

### Violência no namoro

■ ENTRE NAMORADOS ■ ENTRE EX-NAMORADOS

Com mais de 17 anos

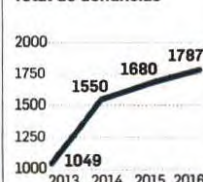


Com menos de 17 anos

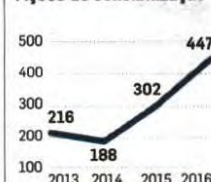


Fonte: Base de Dados de Violência Doméstica (SGMAI)

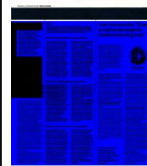
Total de denúncias



Ações de sensibilização\*



\* sobre violência no namoro e violência doméstica



A atriz Sofia Arruda, de 28 anos, confessou ter sido vítima de violência no namoro durante a adolescência. "Quero alertar os jovens que não podem permitir este tipo de situações nem praticá-lo", adiantou num vídeo publicado no YouTube. Para sensibilizar os jovens para a questão, contou que tinha um namorado que "morria de ciúmes" e que a dominava

## CASOS

A violência entre jovens namorados é física, verbal e pode começar nas redes sociais. Por causa disso, a União de Mulheres Alternativa e Resposta iniciou neste ano ações de sensibilização no pré-escolar, com o objetivo de mudar comportamentos nos mais jovens

### Namorado não aceitou o fim da relação

Uma rapariga de 19 anos que estava a ser ameaçada de morte pelo ex-namorado, que nunca aceitou o fim da relação, apresentou queixa dele na GNR, na zona de Águeda, como veio relatado na imprensa em 7 de setembro de 2013. A jovem tentou terminar o namoro várias vezes, mas acabou sempre por ser agredida. O namorado foi presente ao tribunal de Águeda no dia 6 de setembro de 2012, mas foi libertado após a advogada ter pedido um prazo para preparar a defesa, como noticiou o *Correio da Manhã*. Em casa do jovem a polícia encontrou uma ca-

tana, munições e vários objetos furtados. É para evitar casos como este que a UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta prevê promover, a partir deste ano, uma "intervenção com ações de sensibilização em todos os graus de ensino, a começar no pré-escolar", como referiu ao DN Ana Guerreiro, técnica da UMAR. "Tentamos mudar os valores que os jovens trazem quando acham que dar um pontapé ou empurrar não é violência." Hoje, a UMAR divulga um estudo sobre violência no namoro, com recolha de dados junto de mais de cinco mil jovens.

### Ciumento, tentou matar ex-namorada

Um jovem de 19 anos foi detido pela Polícia Judiciária de Braga em agosto de 2016 por ter agredido a ex-namorada com uma faca, na casa da rapariga, em Vizela. Segundo os relatos do caso na imprensa, o jovem fugiu do local ao perceber que o novo namorado da vítima estava a chegar ao local do crime. Ainda foi à GNR de Vizela pedir proteção, com receio de poder ser agredido pelo rival. Quando foi presente a tribunal, a juíza decidiu que o jovem iria aguardar julgamento com pulseira eletrónica. Segundo dados oficiais, 461 pessoas acusadas por violência doméstica foram sujeitas

à medida de coação de pulseira eletrónica em 2015, enquanto 642 vítimas recorreram à teleassistência (110 delas já decretadas em 2016). Entre 2011 e 2016 houve 12 homens (vítimas) a recorrer à teleassistência. Os 461 agressores com pulseira eletrónica como medida de coação por violência doméstica representam um aumento de 47% em relação a 2014, já que nesse ano houve 313 suspeitos a quem foi colocada como medida de coação a vigilância eletrónica. Quanto a arguidos condenados e detidos, o ano de 2015 terminou com 372 reclusos, mais 85 do que em 2014.

### Mulher agrediu namorada com pontapés

Uma mulher de 33 anos agrediu violentamente, e várias vezes, a companheira por acreditar que mantinha uma relação extraconjugal com o patrão, o dono de um restaurante na zona de Vila Nova de Gaia. Ana B. chegou mesmo a agredir a vítima com garrafas e com uma navalha, tendo-a fechado em casa e impedido de contactar quem quer que fosse, escreveu o *Jornal de Notícias* a 13 de julho de 2014. O primeiro episódio de violência doméstica entre as duas mulheres remonta a 2012. Depois da noite de passagem de ano, Ana agrediu a namorada com pontapés e

murros por esta ter dançado com outra rapariga numa festa. Controladora e ciumenta, Ana continuou a desconfiar das rotinas da namorada. Ligava-lhe várias vezes ao dia, controlava-lhe o telemóvel e limitava-lhe o acesso às redes sociais, segundo podia ler-se na notícia do JN. Uma vez, agrediu a companheira com garrafas de cerveja e, no calor da discussão, chegou a esfaqueá-la nas mãos. Depois partiu-lhe o telemóvel, trancou-a em casa e escondeu as chaves. A vítima acabou por conseguir pedir ajuda e a suspeita foi detida.

# Ana Vasconcelos: "O ato sexual pode originar sentimentos de posse"

O facto de existirem relações sexuais pode explicar uma maior incidência da violência no namoro nos maiores de 17 anos. Ana Vasconcelos, pedopsiquiatra, considera que a saída de muitos pais do país, o desemprego e condições económicas desfavoráveis podem causar instabilidade nas famílias, com consequências no comportamento dos jovens. Quem é vítima ou vê violência em casa, mais facilmente se torna agressor.



Ana Vasconcelos, pedopsiquiatra

A grande maioria das participações sobre violência no namoro ocorre entre jovens com mais de 17 anos. Porquê?

Penso que pode ter que ver com o facto de existirem ou não relações sexuais. Até aos 17 anos há menos frequência de namoros com relações sexuais. O ato sexual pode estimular os sentimentos de posse. Pode originar atitudes mais impulsivas como sentimentos relacionados com a posse, que suscitam paranoia, ideias de ciúme, comportamentos agressivos.

A maioria dos casos reportados são entre ex-namorados. Os jovens não aceitam bem o fim das relações?

Ultimamente, há um maior conhecimento da sensação de bem-estar e de saúde mental das pessoas, que inclui também os jovens. Portanto, tudo o que são experiências de desamparo e abandono são muito mais vividas de uma forma emocionalmente pesada. Quando as pessoas se separam – e até muitas vezes estão de acordo –, há homens e mulheres que não aguentam o sofrimento quando sabem que o ex-marido ou a ex-mulher arranhou outro companheiro. Isto faz reavivar conflitos que não ficaram bem ultrapassados e pode levar a essas atitudes violentas.

**"As experiências de desamparo e abandono são muito mais vividas de uma forma emocionalmente pesada"**

As vítimas de violência no namoro são potenciais agressores?

Isso é uma história bastante antiga: agressor foi agredido. Uma pessoa que fica sob a memória traumática de um gesto de violência para com ela, quer seja da parte dos progenitores quer seja da parte de um companheiro, pode efetivamente ficar tão possuída nesse universo da violência que ela própria se transforma em agressor. Isso chama-se identificação com o agressor. A pessoa fica acompanhada, na sua tristeza e ansiedade, daquele tipo de agressão que quase se torna familiar. Quando tem de se defender, vai buscá-la. E quando assiste a situações de violência doméstica em casa?

Acontece a mesma coisa. Há uma identificação com o agressor. Se em casa é o tipo de comunicação que vê, é o modelo que tem.

Desde 2013 que as participações de violência no namoro não param de aumentar...

Cada vez mais vejo jovens cujos pais ou mães foram trabalhar para fora. Hoje, há muitas famílias em que os homens tiveram de sair. Pode haver alguma relação com uma desfuncionalidade familiar. São hipóteses que ponho. Toda a instabilidade que existe nas famílias devido ao desemprego e às condições económicas pode ter impacto na adolescência, em que a passagem ao ato é muito maior e a necessidade de encontrar bodes expiatórios também. Isto tem de ser relacionado politicamente. Não pode haver relações simplistas numa situação com tanta complexidade.

Qual o papel dos pais?

Não se esquecerem de que têm de dar valores formativos aos filhos. Por vezes, estão eles próprios tão desesperados que se esquecem do seu papel de educadores.

JOANA CAPUCHO

poucas condenações, segundo o mais recente relatório da Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna – com dados de 2015. Foram abertos 33 841 inquéritos, dos quais 78% resultaram em arquivamento, 17,5% em acusação e os restantes em suspensão provisória do processo. Em 2015, cerca de 62% de 9172 inquéritos por violência doméstica (7135) foram arquivados por falta de provas.

Houve apenas 679 condenações nesse ano, 60% correspondiam a penas de prisão de dois a três anos de cadeia. Em mais de 90% dos casos a pena aplicada foi suspensa na execução. Em 22% das situações a pena foi de três a quatro anos, em 9% foi inferior a dois anos, em 6% foi de quatro a cinco e em 2,5% foi igual ou superior a cinco anos. Na violência no namoro, se os agressores tiverem menos de 16 anos, são abrangidos pela Lei Tutelar Educativa (dos menores), o que significa que a pena máxima em que incorrem é o internamento em centro educativo.

Se os agressores já forem responsáveis criminalmente, portanto tiverem mais de 16 anos, arriscam uma pena de um a cinco anos de prisão por violência doméstica que pode ir até aos 10 anos em determinadas circunstâncias.



# ALERTA HÁ CADA VEZ MAIS DENÚNCIAS DE CASOS DE VIOLÊNCIA NO NAMORO

Agressões físicas ou verbais, tentativas de controlo e outras formas de violência, sobretudo entre ex-namorados, são “cada vez mais expressivas”, relata a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

As denúncias aumentam há quatro anos: foram 1787 no ano passado, cerca de meia centena das quais envolvendo menores de 17 anos. Polícia e APAV fazem ações de sensibilização. **PÁGS. 4 E 5**

# Jimmy P associa-se a projecto contra Violência no Namoro

**ARTISTA** integra o projecto pedagógico 'Amar-te e Respeitar-te', apresentado ontem a duas escolas do ensino básico e secundário de Maximinos e que visa sensibilizar os alunos para esta problemática.

## VIOLÊNCIA NO NAMORO

| Paula Maia |

Capacitar e dotar os jovens com ferramentas de diagnóstico e de prevenção de comportamentos agressivos nas relações de namoro, dos próprios e/ou dos seus pares é o principal objectivo do projecto pedagógico de combate à Violência no Namoro 'Amar-te e Respeitar-te', apresentado ontem em Braga.

Para chegar aos mais novos, o projecto pedagógico desenvolvido pela Betweien preparou um livro desenvolvido em co-autoria com um dos músicos de referência dos jovens portugueses: Jimmy P.

Assim, além do livro, o projecto 'Amar-te e Respeitar-te' compreende também temas originais, musicados pelo Jimmy P, e uma peça de teatro, que é a adaptação das histórias do livro ao teatro, direccionado aos alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e que pode ser apresentado pelas mais diversas organizações educativas, que trabalhem com este público, em diferentes modelos de apresentação.

São três as histórias apresentadas no manual, ficcionadas sobre casos de violência no namoro: a realidade percebida pela vítima masculina, com a história 'Os homens não choram!', a realidade percebida pela vítima feminina, com o caso 'Quanto mais me bates...', e a realidade de uma relação de namoro vivida (não só, mas também) no mundo virtual, com a história 'Todos os dias da nossa vida real e virtual!'. No final de cada história surge um capítulo com 'Dicas e Conselhos', em que são explorados uma diversidade tópicos relacionados com a Violência no Namoro, como, por exemplo, os diferentes tipos de violência no namoro, o que é uma relação de namoro saudável, que comportamentos adoptar para prevenir a violência na



Projecto foi apresentado ontem aos alunos da Escola Secundária de Maximinos e à Escola Profissional Europeia

realidade virtual ou quais os procedimentos para pedir ajuda ou efectuar uma denúncia, entre outros.

Em cada capítulo é também disponibilizada a letra das músicas que o Jimmy P compôs para o projecto: 'Ficar bem', 'Quando dá errado' ou 'Como tu'.

Perante uma plateia de alunos da Escola Secundária de Maximinos e da Escola Profissional Europeia, Narciso Moreira, coordenador de projectos da empresa Betweien referiu que o objectivo é levar este projecto às escolas para "sensibilizar os alunos para este flagelo".

Motivado pela responsabilidade e intervenção social, que o caracterizam, Jimmy P revelou que os problemas relacionados com as relações são questões partilhadas muitas vezes pelos seus fãs, dado a proximidade que mantém com o seu público. "Fazia todo o sentido participar neste projecto. Esta participação permitiu-me também aprofundar o meu conhecimento sobre algumas coisas que não tinha conhe-



"O que se pretende é que vocês recebem esta informação, seja através do livro, da música ou do teatro, que a façam perpetuar, usando-a de forma construtiva".

**Jimmy P**  
Músico

cimento", referiu o artista.

"O que se pretende é que vocês recebem esta informação, seja através do livro, da música ou do teatro, que a façam perpetuar, usando-a de forma construtiva", prosseguiu o músico.

Presente nesta sessão, o presidente da União de Freguesias de Maximinos, Sé e Cividade diz que o executivo se associou a este projecto com o propósito de levar os jovens a alterarem alguns dos paradigmas relativamente a comportamentos vividos no namoro.

"Há muitas formas de demons-

trar os nossos sentimentos mas, acima de tudo, temos de respeitar o outro lado. Costumamos dizer que a nossa liberdade acaba quando começa a do outro. No amor, no namoro é a mesma coisa. Todos temos direito ao nosso espaço, à nossa personalidade. Ninguém se deve anular por causa de outro. Quando gostamos de alguém gostamos dos seus defeitos e das suas virtudes", referiu aos jovens presentes Luís Pedroso, elogiando esta "iniciativa excepcional".

Em representação do Município de Braga, Francisco Mota diz que este é um projecto que coloca em cima da mesa uma das maiores problemáticas - a par do bullying - que afectam muitas das nossas comunidades académicas.

"Quem não valoriza a pessoa que são e vos condiciona nas vossas opções e decisões de vida não pode dizer que gosta muito de vocês", refere Francisco Mota, elogiando o trabalho da empresa bracarense pelo projecto pedagógico.






# Violência no namoro: uma relação pouco assumida entre os jovens

**AMOR SEM VIOLÊNCIA** é o grito de alerta do Gabinete de Apoio à Vítima de Braga neste Dia dos Namorados. Sensibilizar e alertar para alguns sinais no namoro que, em alguns casos, pode configurar crime público.

## VIOLÊNCIA NO NAMORO

| Isabel Vilhena |

Gritar, chamar nomes, apontar defeitos e falhas, humilhar junto de outras pessoas ou através das redes sociais são formas de violência verbal ou psicológica usada, muitas vezes, nas relações de namoro entre os mais jovens.

Apesar de estas formas de violência poderem parecer, aos olhos dos casais mais novos, menos graves, costumam evoluir com o passar do tempo e a violência torna-se mais intensa e mais frequente. O alerta é de Teresa Sofia Silva, responsável do

Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Braga no dia dos Namorados, como forma de apelar ao amor sem violência.

A responsável da APAV de Braga afirma que “a violência no namoro é a antecâmara da violência conjugal. Sinais que não devem ser ignorados”, ilustrando com o ciclo da violência que se resume a três fases cíclicas: num primeiro momento gera-se o aumento da tensão, seguindo-se a fase do ataque violento que culmina com o apaziguamento (aparente) ou lua-de-mel.

Apesar da sensibilização para o

fenómeno da violência no namoro, as queixas são “ainda um pouco tímidas” junto do GAV e das autoridades (PSP e GNR), porém, Teresa Sofia Silva consi-



**Gritar, chamar nomes, apontar defeitos e falhas, humilhar junto de outras pessoas ou através das redes sociais são formas de violência verbal ou psicológica usadas, muitas vezes, nas relações.**

dera que há passos que devem anteceder a denúncia do caso. “A vítima deve tentar libertar-se da relação, falar com amigos ou familiares e só, em último recurso, pedir ajuda à APAV e denunciar o caso às autoridades”.

O Gabinete de Apoio à Vítima de Braga tem recebido várias queixas de violência no namoro, principalmente nas raparigas, embora, a violência no namoro não configura uma violência de género. Estudos confirmam que tanto os rapazes como as raparigas podem assumir o papel de agressores e vítimas.

A violência no namoro é consi-

derada um crime público, punível, legalmente, no quadro da violência doméstica. Trata-se de um acto de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação.

A Associação de Apoio à Vítima tem vindo a desenvolver acções de sensibilização em escolas acerca das diversas temáticas abrangidas no âmbito da sua actuação, designadamente Violência Doméstica, Violência no Namoro e Bullying.



**JIMMY P ASSOCIA-SE A PROJECTO APRESENTADO ONTEM EM BRAGA**

# Amor sem violência é o mote para o Dia dos Namorados

Págs. 4 e 5



# Braga

“  
A mensagem é a luta contra as várias formas de violência no namoro, sejam elas físicas, psicológicas ou virtuais.



## Alunos de Braga chamados a combater violência no namoro e a respeitar o outro

© FRANCISCO DE ASSIS

Alunos de duas escolas de Maximinos, em Braga, foram ontem chamados a ser portadores da mensagem da não violência no namoro e o respeito pelo outro. Aproveitando o Dia dos Namorados, a Betweien e a União de Freguesias de Junta de Maximinos, Sé e Cidade trouxeram a Braga a autora do livro "Amar-te e Respeitar-te" e o conhecido músico Jimmy P para darem força ao projeto pedagógico de combate à Violência no Namoro.

Assim, o auditório Galécia, em Maximinos, acolheu alunos da Escola Profissional Europeia e da Escola Secundária de Maximinos que, acabaram por ouvir a mesma mensagem de três maneiras: através do livro, da música e teatralizada.

Como disse Jimmy P, em jeito de brincadeira, «ninguém escapa à mensagem: quem não gosta de ler, pode ver a mensagem teatralizada; e se não gosta de teatro ouve a música».

Segundo a autora Helena Costa, o livro contém três histórias que pretendem representar três situações de violência no namoro: quando o homem é vítima, quando a mulher é vítima e nas redes sociais, que é um meio onde os miúdos se movimentam muito e tem havido casos bastante violentos com violência psicológica e exposição de intimidades. Uma mensagem inspirada também no compro-



Jimmy P animou a sessão, onde foram deixadas diversas mensagens contra a violência

misso do casamento, isto é, «amar-te e respeitar-se na vida real e virtual».

O livro visa, igualmente, capacitar os alunos e a população em geral a estarem mais atentos a situações de agressões físicas e psicológicas, para poderem intervir. «a mensagem é esta: sensibilizar, dar capacidade de diagnosticar e capacitar as pessoas», resumiu.

E os alunos das duas escolas de Maximinos tiveram oportunidade de participar nas três formas de passar a mensagem. Depois de Helena Costa ter explicado a estrutura do livro, dividido em três histórias/barras realidades, o ator Boaventura Rodrigues teatralizou dois casos da violência no namoro e Jimmy P "obrigou" os presentes a levantarem-se e a cantar com ele, o refrão das músicas.

O músico mostrou-se

«honrado e orgulhoso» por poder participar no projeto pedagógico dirigido aos jovens. Até porque, revelou, fruto da sua profissão, contacta com muitos fãs que desaba-

fam com ele, contando-lhe situações de violência no namoro, mas que não sabia como responder. «O projeto veio ensinar-me a responder a algumas situações», confessou.

### Amar, sem sufocar e sobretudo respeitar

O presidente da União de Freguesias de Maximinos, Sé e Cidade acabou por falar como autarca, demonstrando disponibilidade para acolher e apoiar iniciativas do género; mas deu alguns conselhos e deixou o testemunho pessoal. Luís Pedroso revelou que namorou quatro anos e está casado há quase 30 e nunca teve necessidade de levantar a voz contra a esposa e muito menos a mão. «O amor é uma coisa bonita. E ninguém deve estar subjugado ao outro, permitir anular-se. Não é só bater. Coagir e não respeitar são outras formas de violência. A liberdade de um deve acabar onde começa a liberdade do outro», lembrou.

Por sua vez, Francisco Mota, em representação da Câmara de Braga, recordou que os namoros começam e acabam.

E os ex-namorados devem procurar salvaguardar os melhores momentos e a amizade.

No palco, o ator, Boaventura Rodrigues, interpretou uma boa relação, que acaba bem; mas também as chantagens, sobretudo a nível das redes sociais. Por isso, deixou ensinamentos como queixar-se, pedir ajuda aos pais e/ou aos amigos para que, se for necessário, chamar as autoridades e apresentar queixa. E quis combater algumas frases feitas como "O homem não chora".

Narciso Moreira, da empresa "Betweien" agradeceu aos parceiros e mostrou-se disponível para repetir a sessão em outras escolas, mediante convite, a bem de um combate sério à violência no namoro e violência doméstica em geral.

A ação conta com o apoio da APAV.



Alunos da Escola Europeia e da Secundária de Maximinos assistiram à sessão organizada pela Betweien

# Estudantes de Braga chamados a combater violência no namoro

**BRAGA** Alunos de duas escolas de Maximinos, em Braga, foram ontem chamados a serem portadores da mensagem da não violência no namoro e do respeito pelo outro. P.03



Avelino Lima

# Amor violento não é amor



Amar significa que nos disponibilizamos a conhecer e cuidar do outro e a permitirmos ser compreendidos e cuidados, sem receio de revelarmos quem somos, mas sendo igualmente capazes de aceitar quem e como o outro é.

Namorar é criar um tempo relacional de descoberta do outro e, pelo caminho, de descoberta de nós próprios. Aprendemos desde bebés a olhar-nos através olhos dos outros e, no namoro, isto também acontece. Acabamos por ver em nós o que o/a nosso/a namorado/a vê quando nos olha, por isso, pode ser uma oportunidade para (re) construir a imagem que temos de nós mesmos e fortalecer a nossa auto-estima. Mas, para que isto aconteça de forma positiva e construtiva, o afeto que a outra pessoa diz nutrir por nós deve ser verdadeiro e gerador de bem-estar e felicidade, para que nos ajude a lidar melhor com o que nos desconforta, com as nossas inseguranças e angústias.

É importante lembrar que todos temos o direito a uma relação de igualdade, em que uma pessoa não tem mais poder do que a outra, mas que se pauta pelo respeito, confiança, apoio, negociação, partilha, responsabilidade, honestidade e NÃO violência. Estes princípios devem estar presentes igualmente nas relações amorosas, independentemente da idade, género, níveis de escolaridade, práticas sociais e culturais, ou crenças religiosas.

Mas se nada disto é real na nossa relação de intimidade, como a relação de namoro, é hora de parar e questionar: a minha relação tem saúde? Ou está doente?

As relações que se regem pelo poder e controlo de uma pessoa sobre a outra são doentias e acabam por ser experienciadas como abusivas, originando um sofrimento intenso, demasiadas vezes silenciado e poucas vezes assumido, por medo de ameaças e/ou vergonha.

Isto é, quando um(a) namorado(a) nos leva a sentir que temos pouco valor, nos tenta afastar das pessoas e atividades de que gostamos, que controla o que vestimos ou o que estamos a fazer, que nos quer forçar a acreditar e aceitar humilhações e ameaçar, que nos faz pensar que é melhor, mais inteligente ou forte que nós, ou qualquer outra atitude negativa e que se repete ao longo do tempo, é altura de perceber que esta pessoa não pode ser verdadeira quando diz gostar de nós e ter medo de nos perder. A sua intenção será, por fim, submeter-nos e exercer um poder desigual na relação. E perante isto, podemos afirmar que estamos diante de uma relação violenta, por isso, doente!

A violência nunca é uma forma de expressar amor ou paixão por outra pessoa, assim como os ciúmes não servem de justificação para qualquer comportamento violento.

Mas na realidade, verificamos frequentemente comportamentos desta natureza entre namorados,

que se expressam de forma física, verbal, emocional, social, sexual e financeira. Acontecem sempre com um objectivo comum de magoar, humilhar, controlar e assustar.

Por vezes, encontramos-nos envolvidos, durante muito tempo, em relações de namoro violentas, por vários motivos, que se prendem com a aceitação de pedidos repetidos de desculpa e promessas de mudança, com os sentimentos que nutrimos pelo agressor, com o medo de que este se magoe a ele próprio se o namoro terminar, ou com o medo de ficarmos sozinhos.

Pode demorar algum tempo até nos sentirmos capazes de terminar uma relação violenta. Mas quando nos sentirmos preparados, devemos escolher um local público ou um local onde estejam mais pessoas, levar uma pessoa de confiança, evitar uma atitude de confronto, afastarmo-nos perante eventuais reações negativas e agressivas; e nunca recuar na nossa decisão.

Na comunidade, existem recursos onde as vítimas de violência, inclusive de violência na relação de namoro, se podem dirigir: Profissionais de Saúde (Centro de Saúde), Forças de Segurança (GNR ou PSP), ou Professores (Escola). Também podem ligar para o 112 ou para a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) – 116 006.

Para concluir, sabemos que os conflitos ocorrem também nas relações de namoro e são importantes para o crescimento pessoal e maturação das relações e devem resolver-se através do diálogo e da negociação, pois são formas positivas e alternativas à agressividade, em consciência de que **amor violento não é amor!**

*Carla Capela e Cláudia Grade  
Núcleo de Apoio à Criança  
e Jovem em Risco | Equipa  
de Prevenção da Violência  
no Adulto  
UCC – Centro de Saúde –  
Montemor-o-Novo  
Rua Fernando Pessoa s/n  
MONTEMOR-O-NOVO*



## SOCIEDADE

## Milhares de euros canalizados para a luta contra a violência no namoro

● No dia em que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima lançou a campanha «#FazStop», que visa sensibilizar as vítimas de violência no namoro, o Governo lançou sete projetos de combate a este tipo de violência, que atingi-

rão mais de 15 mil jovens, no valor de 650 mil euros, indicou a secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade. A estes junta-se uma linha de financiamento para apoio a projetos de federações e associações de estudante.



# Queixas por violência no namoro estão a aumentar

Muitas das situações que depois acabam por ser reportadas às autoridades policiais estão relacionadas com abusos na internet e envolvem adolescentes. APAV lança campanha de prevenção nas redes sociais

●●● Há cada vez mais denúncias de casos de violência no namoro. O número de participações à PSP e à GNR aumentou 6% em dois anos, uma tendência de crescimento que se verifica desde 2013. Muitas dessas situações estão relacionadas com abusos na internet e envolvem adolescentes.

No ano passado foram 1.975 as participações recebidas pelas autoridades, mais 123 do que em 2015. Já em 2014, tinha chegado a 1.691 o número global de queixas registado, segundo o jornal Público.

Agressões físicas ou verbais, tentativas de controlo e outras formas de violência, sobretudo entre ex-namorado, são cada vez mais expressivas, segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. “A violência no namoro é transversal a idades e a classes sociais e cada vez mais expressiva”, de acordo com o que diz ao Diário de Notícias, a psicóloga Helena Sampaio da APAV.

Há três anos que a violência no namoro tem vindo a crescer, uma subida que pode ser explicada pelo facto de esta prática

Em 2016, foram 1.975 as participações de violência no namoro recebidas pelas autoridades

ter passado a ser punida criminalmente a partir desse anos, integrada no crime público de violência doméstica.

## APAV quer fazer STOP à violência no namoro

“Só pára quando fizeres STOP” é o mote da campanha desenvolvida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para assinalar o Dia dos Namorados. Lançada, ontem, nas redes sociais, a campanha pretende lembrar às vítimas de violência no namoro que a

situação apenas mudará quando as próprias decidirem agir.

Com criatividade suficiente para atrair os mais jovens, “#FazStop” recorre a GIFs, um dos formatos mais utilizados nas redes sociais, para mostrar como a violência no namoro pode acontecer com qualquer casal, hetero ou homossexual.

A opção por este formato, de acordo com responsáveis da APAV, prende-se ainda com a repetição constante do mesmo movimento, algo que tam-

bém acontece com as vítimas e agressores.

“Para fazer STOP, basta entrar em contacto com a APAV”, lembra ainda em comunicado a associação que tem por missão facultar diversos tipos de apoio às vítimas dos mais diferentes tipos de crime.

A campanha da APAV, que conta com produção da FIM, também pode ser encontrada em títulos da imprensa, através de imagens de playlists cujos títulos das músicas e vídeos remetem para frases ditas por agressores.



SÍLVIA BRANCO, COORDENADORA DA APAV NOS AÇORES

# Vítimas conscientes da violência no namoro

Há uma maior consciência dos sinais de violência no namoro. A opinião é de Sílvia Branco, coordenadora da APAV nos Açores, que sublinha que, na Região, quem mais procura ajuda são mulheres adultas.

**DADOS NACIONAIS DA PSP REVELAM QUE HOUE, NO ÚLTIMO ANO, UM AUMENTO DAS QUEIXAS AO NÍVEL DA VIOLÊNCIA NO NAMORO. É UMA TENDÊNCIA QUE A APAV (ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA) NOS AÇORES TAMBÉM TEM VINDO A REGISTRAR?**

Nós ainda não temos a nossa estatística apurada em relação ao ano passado – normalmente temos os dados, por gabinete, no final do mês de fevereiro. No entanto, o que nós registamos é que, realmente, as vítimas começam a ter mais noção de que estão perante uma relação não saudável e a tendência tem sido para solicitarem o nosso apoio. Tem havido um aumento dos pedidos de informação e de esclarecimento à nossa instituição, não querendo isso dizer que, houve, necessariamente, um aumento de casos. Na realidade, trata-se de uma maior consciencialização por parte das vítimas de que estão perante uma relação não saudável e, por isso, procuram o nosso apoio no

sentido de esclarecerem algumas dúvidas e de procurarem apoio não só ao nível jurídico, como também psicológico e social.

**OS CASOS DE QUE A APAV NOS AÇORES TEM CONHECIMENTO, E QUE CONFIGURAM VIOLÊNCIA NO NAMORO, ESTÃO RELACIONADOS COM ATOS VIOLENTOS DE ORDEM FÍSICA OU PSICOLÓGICA?**

São maioritariamente situações de violência psicológica, que têm que ver, nomeadamente, com o controlo: com quem é que a vítima fala, para onde é que a vítima foi, chamadas de controlo frequentes, alguma manifestação de desagrado perante alguma indumentária que a vítima usa ou exhibe, a tendência para saber quais são os locais que frequenta... Ou seja, tentar perceber a rotina da vítima como uma forma de controlo. Isto também se aplica no âmbito das redes sociais. Agora é muito comum questionarem as amigas que se encontram, acima de tudo, na rede social do Facebook: quem



**SÍLVIA BRANCO** Atos violentos começam, muitas vezes, com o controlo e o ciúme





ID: 68247240

16-02-2017

é aquela pessoa, por que é que te fizeram este comentário, por que é que comentaste... É, acima de tudo, este tipo de situação. Uma forma muito subtil de existir controlo é a criação de contas de Facebook em comum ou, em alternativa, obrigar a vítima a dar a sua password.

#### E QUEM SÃO AS VÍTIMAS QUE VOS PROCURAM? JOVENS OU ADULTOS?

A tendência que temos verificado com base nos atendimentos que fazemos é que, atualmente, as vítimas que procuram os nossos serviços encontram-se em idade adulta. Também existem situações de jovens e de adolescentes que, normalmente, pedem apoio na sequência de ações de sensibilização que a APAV promove. As escolas, atualmente, fazem muitos pedidos à APAV no sentido de fazermos sensibilização, porque se apercebem que na turma há esta necessidade e, de uma forma subtil, a abordagem ao tema é efetuada por nós. Por norma, existem alguns pedidos de esclarecimento após estas ações. Mas aquilo que nós temos verificado é que as vítimas que têm procurado o nosso apoio são, acima de tudo, vítimas que se encontram na idade adulta. Há uns anos verificávamos que as vítimas de violência doméstica estavam em relações muito mais duradouras – nós chegámos a apanhar aqui situações de vítimas há 20 anos - e quando questionávamos se, no âmbito da relação no namoro já existiam comportamentos agressivos, as vítimas, num primeiro momento, diziam que não, mas quando começávamos a elencar alguns comportamentos, alguns indícios de violência, as vítimas por norma conseguiam identificar. Aquilo que temos verificado é que a vítima apercebe-se, mais cedo, que está perante uma relação que não é saudável e há uma tendência para não deixar a relação evoluir, pedindo o nosso apoio e esclarecimento nesse sentido.

#### HÁ, DE FACTO, SINAIS PARA OS QUAIS É PRECISO ESTAR ATENTO OU CADA CASO É UM CASO?

Cada caso é um caso, sem dúvida alguma. No entanto, muitas das vezes os alegados agressores colocam nos ciúmes que têm em relação à vítima uma justificação para qualquer tipo de comportamento violento. Nós sabemos que, no âmbito da violência no namoro, paralelamente à violência doméstica, há um ciclo em que, num primeiro momento, há a acumulação da tensão, depois dá-se o episódio violento que pode ser físico, psico-



**VIOLÊNCIA NO NAMORO** Vítimas apercebem-se cada vez mais cedo de que estão perante relações pouco saudáveis

lógico, sexual ou até mesmo social, e depois acontece uma fase de “lua de mel”, em que, por vezes, o alegado agressor ou a alegada agressora justificam o seu comportamento com base nos ciúmes. É pelo facto de gostar tanto da pessoa que manifesta o seu amor desta forma. A violência nunca é uma forma de expressar esse alegado amor, por isso o controlo, a privação do contacto com outras pessoas, eventualmente um comportamento agressivo ao nível físico ou sexual são indícios que devem colocar as pessoas em alerta, para que avaliem se se trata de uma relação saudável e se pretendem continuar numa relação que, muitas vezes, não proporciona

felicidade à vítima.

#### OS COMPORTAMENTOS VIOLENTOS NO NAMORO, NATURALMENTE, MANTÊM-SE MAIS TARDE.

Há uma grande tendência para que a vítima pense ao contrário. Falo pela experiência que temos aqui no gabinete. As vítimas, muitas vezes, diziam-nos: “ele manifesta algum ciúme porque quando eu vou para a minha casa e ele vai para a sua, ele fica sem saber o que é que eu estou a fazer e eu pensava que isto mudava quando estivéssemos juntos, porque não haveria motivo para desconfiança”. Mas não. Infelizmente, aquilo que nós verificamos é que a tendência é para não só

augmentar o grau de violência, bem como a intensidade. Se num primeiro momento o alegado agressor ou a alegada agressora começam com alguma violência ao nível verbal ou psicológico, infelizmente a tendência é para que depois progrida para uma violência física, caso a vítima deixe este controlo por parte do agressor perpetuar-se.

#### TEMOS TENDÊNCIA PARA FALAR NESTAS QUESTÕES NO FEMININO. TAMBÉM HÁ QUEIXAS DE VIOLÊNCIA NO NAMORO POR PARTE DE HOMENS OU RAPAZES?

Na nossa instituição nós apoiamos homens e mulheres, mas confesso que, ao nível estatístico, a população que mais procura o nosso apoio são as mulheres. No âmbito da violência doméstica, ao nível conjugal, a tendência começa a mudar. Começamos a verificar que existem mais homens, vítimas de violência doméstica com maus-tratos, acima de tudo, psicológicos, e que começam a denunciar e a pedir o nosso apoio. ■

*Atos violentos  
também no Facebook*



# Violência no namoro

A violência no namoro é uma realidade, mas Sílvia Branco, responsável para APAV nos Açores, diz que há uma maior consciência sobre o fenómeno. São as mulheres, sobretudo na idade adulta, quem mais procura apoio. **[02 e 03]**



# Leitores

## Violência filioparental

A violência filioparental caracteriza-se por atos intencionais de filhos em relação aos pais envolvendo ameaça, intimidação e domínio para a obtenção de controlo e poder sobre eles. Não é um problema individual ou uma questão restrita ao contexto familiar, é um problema social, de justiça e de saúde pública.

A vergonha e a manutenção do mito da harmonia familiar favorecem o secretismo em torno deste problema, o que tem contribuído para que a intervenção neste campo não tenha tido o desenvolvimento equivalente ao de outros tipos de violência intrafamiliar, como o abuso/negligência dos filhos ou a violência entre parceiros íntimos.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, ao longo dos anos, tem vindo a alertar a sociedade portuguesa para esta realidade, ainda obscura, da violência doméstica praticada pelos filhos contra os pais.

Entre 2013 a 2015 registou-se um total de 1.777

processos de apoio a pais que foram vítimas de violência doméstica por parte dos/das seus/suas filhos/filhas; destes, 49% tinham 65 ou mais anos de idade e o autor do crime, na sua maioria, é do sexo masculino (65%) e com idades compreendidas entre os 36 e os 45 anos (93%). Destes processos, 25% (488) apresentaram queixa/denúncia da situação.

Este último dado demonstra as barreiras mentais, a dificuldade de acesso e compreensão da informação, a dependência, a vergonha e a fragilidade persistem aliadas à perceção pouco generalizado do problema, dificultando o alcance dos objetivos.

A violência filioparental é um crime público que não pode ser remetido ao silêncio. A APAV está disponível para ajudar através dos diferentes serviços, nomeadamente da Linha de Apoio à Vítima - 116 006 - número gratuito e confidencial.

**Maria de Oliveira**





# 2016: Mais de mil casos denunciados de violência no namoro

Dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), da PSP e da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), divulgados no dia de São Valentim, 14 de fevereiro, apontam para uma outra realidade que tem a ver com o facto de a violência no namoro ser transversal à sociedade e estar a aumentar.

Dados de 2016, da PSP, mostram que foram denunciados 1.787 casos, dos quais 1020 entre ex-namorados e 767 entre namorados. 103 destes casos ocorreram entre menores de 17 anos.

Nos últimos três anos as denúncias têm vindo sempre a aumentar, sendo a violência transversal a todas as classes sociais, desde que em 2013 a violência no namoro passou ser considerada crime e inclu-

ída no crime público de violência doméstica.

Segundo declarações de Daniel Cotrim da APAV, ao DN, nas relações em que há violência no namoro e a vítima é menor, os seus pais muitas vezes não têm conhecimento da relação, a primeira relação sexual é praticamente forçada, os namorados muitas vezes escolhem as roupas das raparigas quando saem à noite, e eles têm acesso às passwords das suas contas de mail e de facebook (mas não vice-versa).

Segundo dados de um inquérito realizado com 5500 jovens, que foram publicados na passada terça-feira, dia 14, pela UMAR, revelam que 19% de jovens inquiridos já foram vítimas de violência psicológica, 24% dos jovens consideram

normal partilhar fotos íntimas ou insultar o/a parceiro/a através das redes sociais e 14% legitimam a violência psicológica.

O Observatório Permanente da Justiça realizou um estudo onde revelou que o preconceito, a insensibilidade e o sexismo estão na base de muitas decisões judiciais relacionadas com crimes de violência doméstica.

A UMAR assinalou o Dia de São Valentim associando-se à campanha "One Billion Rising" para acabar com a violência contra as mulheres, uma campanha internacional que teve início em 2012 a partir da divulgação da informação que 1 em cada 3 mulheres no planeta será espancada ou violada durante a sua vida. ■

ESPECIAL

**SOLIDARIEDADE  
está no ADN do Lidl**

A empresa de distribuição alemã tem dado o exemplo quando a questão é a responsabilidade social, mostrando que o ADN faz parte da sua essência. São várias as campanhas solidárias promovidas ao longo dos últimos anos, centenas as instituições ajudadas e milhares as pessoas beneficiadas.

4

A campanha "Promoção do Bem" decorreu ao longo de quatro semanas – de 5 a 31 de dezembro – nas 245 lojas do Lidl. Por semana havia um produto em promoção, tendo 50 por cento da venda revertido para cinco instituições.



# NOVA CAMPANHA DO LIDL AMEALHOU 368 MIL EUROS

A PRIMEIRA edição da campanha solidária "Promoção do Bem", promovida pelo Lidl no período de Natal de 2016, permitiu a angariação de 368 mil euros para cinco instituições de solidariedade social que foram previamente selecionadas: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV/Norte), Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO/Centro), Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro (ACREDITAR/Vale do Tejo e Lisboa), Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS/Alentejo) e Associação de Apoio à Pessoa Excepcional do Algarve (APEXA/Algarve). Vanessa Romeu, diretora de comunicação e responsabilidade social da empresa de distribuição mostrou-se bastante agradada com os resultados da nova iniciativa. "Os objetivos a que o Lidl se propôs com a Promoção do Bem foram plenamente cumpridos", afirmou a responsável, justificando: "Conseguimos sensibilizar e mobilizar a

sociedade civil para a solidariedade através de uma mecânica diferenciadora". Saliente-se que a verba amealhada será distribuída igualmente pelas IPSS (73600 euros a cada), de forma a que possam concretizar os mais variados projetos, em áreas como a inclusão social de pessoas com deficiência visual, o acompanhamento a crianças com cancro e respetivas famílias, o apoio às vítimas de crime, o envelhecimento ativo e a integração social de pessoas portadoras de deficiência. Mas a ligação da empresa de distribuição alemã com as cinco instituições não se extingue com a entrega do donativo, uma vez que esta se comprometeu a doar bem alimentares e não alimentares ao longo deste ano. "O contributo financeiro aliados ao apoio material que vamos prestar às cinco IPSS selecionadas contribuirá certamente para o bem-estar de quem mais precisa", finalizou Vanessa Romeu.



Vanessa Romeu, do Lidl, com os representantes da APEXA, RUTIS, ACAPO, ACREDITAR e APAV

## AS CINCO INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS :

### APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

Criada há 26 anos, dedica-se a ajudar as vítimas de todo o tipo de crimes, prestando apoio moral, social, jurídico, psicológico e económico. Com a verba, a APAV remodelará a Casa Abrigo no Norte, tornando-a mais confortável e criando um espaço de estudo e lazer para as crianças, dando mais e melhores condições às vítimas apoladas e famílias.

### ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes

Fundada há mais de 25 anos com o intuito de defender os direitos e interesses das pessoas com deficiência visual em Portugal, a ACAPO colocará em prática um projeto que visa a criação de oficinas de apoio no centro do país, para a população envelhecida, ajudando as pessoas que cegam tardiamente a reaprenderem a viver através da reabilitação funcional.

### ACREDITAR - Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro

Um grupo de pais de crianças com cancro criou, há 23 anos, uma rede de partilha e de afetos para ajudar as famílias a enfrentarem as dinâmicas do cancro infantil. Graças à iniciativa do Lidl, irá investir na modernização da residência em Lisboa, dando mais conforto às crianças que estão em tratamento oncológico e suas famílias.

### RUTIS - Rede de Universidades da Terceira Idade

A RUTIS foi criada em 2005, em Almeirim, e é, hoje, a maior rede Mundial de Universidades e de projetos educativos para seniores. Empenhada na promoção do envelhecimento ativo, graças à "Promoção do Bem" irá criar mais cinco Universidades para a terceira idade, no Alentejo e renovar os equipamentos de 21 pólos já existentes.

### APEXA - Associação de Apoio à Pessoa Excepcional do Algarve

Com o dinheiro amealhado, a instituição fundada 2003, continuará a promover a inclusão da pessoa com deficiência no Algarve, através da criação de uma bolsa de formadores para jovens e adultos com necessidades especiais, para que os utentes possam ser formadores nas várias ações de sensibilização escolar e empresarial, criando novos empregos.



## VIOLÊNCIA NO NAMORO

# APAV lança #FazStop

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou, dia 14 de fevereiro, dia de São Valentim, uma campanha para sensibilizar as vítimas de violência no namoro, designada #FazStop. A campanha usa como mote "só para quando fizeres STOP", porque "a violência no namoro é uma realidade que só termina quando decidires pará-la". Esta ação foi idealizada pela Carmen, agência criativa do YoungNetwork Group, utilizando as redes sociais como principal plataforma de divulgação, uma vez que a própria campanha "se inspirou nos vídeos e músicas que costumam ficar em modo loop, da mesma forma que as víti-



FOTO CAMPANHA APAV

O mote da campanha é "só para quando fizeres stop"

mas de violência ficam em modo de repetição com os seus agressores, sofrendo as ameaças e agressões sem perspetiva de parar".

O objetivo é "alertar as vítimas que uma das formas de se parar a violência é fazer Stop, como nos filmes, músicas e gifs que se

repetem sem parar. E para se fazer Stop, basta entrar em contacto com a APAV que auxilia as vítimas de violência.



## VIOLÊNCIA

## Quase 400 pedidos de ajuda à APAV na sequência de homicídios

● Quase quatrocentas pessoas pediram ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos últimos quatro anos por causa de homicídios tentados ou consumados, «vítimas invisíveis» no meio dos 446 crimes regis-

tados entre 2014 e 2016. Só no ano passado, 75 pessoas precisaram da ajuda da APAV, 39 por homicídios consumados e 36 por homicídios tentados, o que significa que, em média, por mês, pelo menos seis pessoas pediram ajuda.

## DADOS DA APAV



Familiars pedem ajuda

## 391 pediram ajuda após homicídios

Entre 2013 e 2016, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima recebeu 391 pedidos de ajuda de pessoas ligadas a situações de homicídios consumados (186) ou tentados (205). Os dados mais recentes de um relatório da APAV, em que os queixosos não são apenas vítimas diretas (como nos crimes tentados), mas também familiares e amigos.

Só em 2016 houve registo de 75 pedidos de ajuda, uma média de seis registos/mês.

Já o Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses Mortos no Estrangeiro registou, entre 2014 e 2016, 446 crimes do género: 352 homicídios no país e 94 fora de Portugal. No ano passado foram registados 132 (29 dos quais no estrangeiro). •J.T.





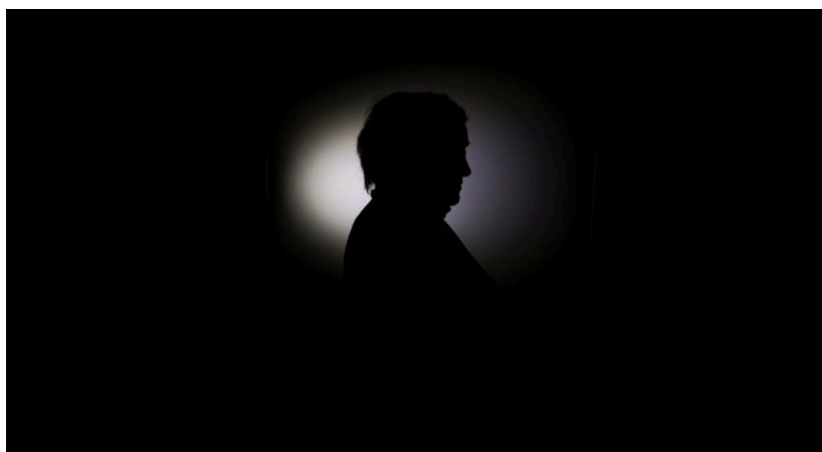
## Homicídio 400 vítimas pediram ajuda à APAV

● Desde 2013, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) recebeu quase 400 pedidos de ajuda de vítimas de homicídios, tentados ou consumados. Em causa estão não só vítimas diretas, como nos casos dos homicídios tentados, mas também familiares e amigos de vítimas de homicídios consumados.

## Quase 400 pessoas pediram ajuda à APAV desde 2013 por crimes de homicídio

22/2/2017, 12:28

Quase 400 pessoas pediram ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), nos últimos quatro anos, por causa de homicídios tentados ou consumados.



Em causa estão não só vítimas diretas, como nos casos dos homicídios tentados, mas também familiares e amigos de vítimas de homicídios consumados

Quase 400 pessoas pediram ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), nos últimos quatro anos, por causa de homicídios tentados ou consumados, “vítimas invisíveis” no meio dos 446 crimes registados entre 2014 e 2016.

Os dados constam dos mais recente relatório da APAV sobre vítimas de homicídio, que revela que 391 pessoas pediram o apoio da associação, entre 2013 e 2016, 205 delas por causa de homicídios na forma tentada e 186 por causa de homicídios consumados.

Só no ano passado, 75 pessoas precisaram da ajuda da APAV, 39 por homicídios consumados e 36 por homicídios tentados, o que significa que, em média, por mês, pelo menos seis pessoas pediram ajuda.

Em causa estão não só vítimas diretas, como nos casos dos homicídios tentados, mas também familiares e amigos de vítimas de homicídios consumados.

Em relação ao total de 280 crimes reportados à APAV desde 2013, 80 registaram-se no primeiro ano, 86 em 2014, 64 em 2015 e 50 em 2016.

Analisando os últimos três anos, desde 2013, “pode denotar-se uma tendência de descida”, passando de um total de 86 crimes em 2014, para 64 em 2015 e 50 em 2016, sendo que a “APAV tem apoiado cerca de 20% a 25% dos crimes de homicídio consumado ocorridos em Portugal”.

Por outro lado, através do Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses Mortos no Estrangeiro (OCH), criado pela associação em 2014, foram registados 446 crimes, entre 352 homicídios em Portugal e a morte de 94 portugueses no estrangeiro.

Especificamente em relação a 2016, o OCH registou 132 crimes, entre 103 homicídios ocorridos em Portugal e 29 homicídios contra portugueses no estrangeiro.

“Relativamente aos homicídios consumados ocorridos em Portugal em 2016, destaca-se o facto de cerca de metade ter ocorrido na faixa etária entre os 21 e os 60 anos”, lê-se no relatório, onde a APAV destaca também o “elevado número de vítimas com mais de 81 anos”, com registo de 10 casos.

Já em relação aos homicídios ocorridos no estrangeiro, “é significativa a grande prevalência (17%) da faixa etária entre os 41 e os 45 anos”.

No que diz respeito às pessoas que pedem apoio, a faixa etária entre os 36 e os 50 anos é a que surge com maior prevalência, representando 41% no caso das vítimas de homicídios tentados e 29% no caso de familiares e amigos de vítimas de homicídio consumado.

E é para ajudar as vítimas destes crimes que a APAV criou, em 2013, a Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, com vista a dar uma resposta para o sofrimento destas pessoas que, tal como explicou à Lusa o gestor da rede, muitas vezes não são consideradas como vítimas.

“Temos frequentemente familiares – pais, mães, filhos, tios, avós – que nós chamamos de vítimas invisíveis a sofrerem em silêncio porque não se reconhecem enquanto vítimas por direito e, por outro lado, não lhes é oferecido o apoio que deveriam ter”, apontou Bruno Brito.

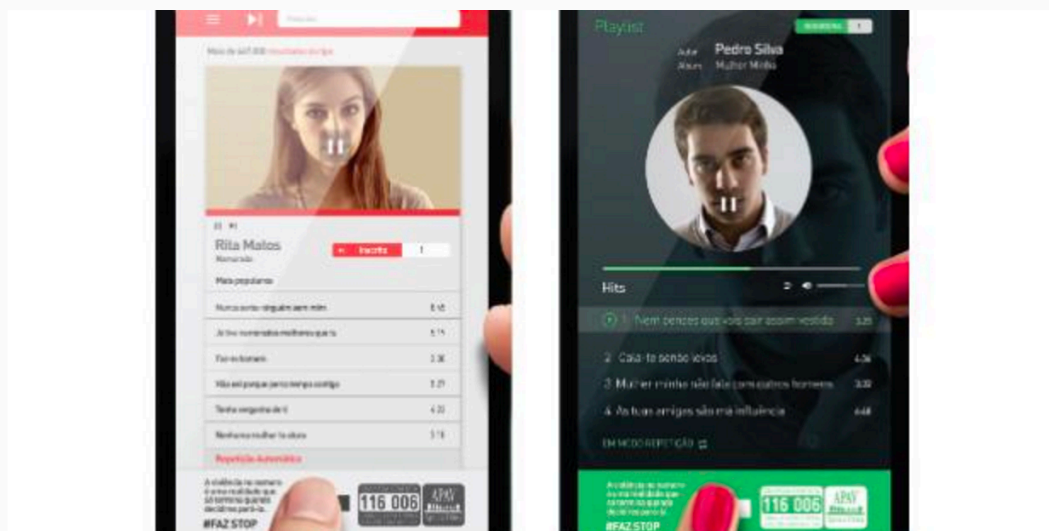
Para o responsável, esta realidade “tem muito a ver com o facto do sistema judicial estar muito virado para a acusação do arguido”, havendo “alguma dificuldade em reconhecer os direitos das vítimas enquanto vítimas diretas, dos familiares e amigos ainda mais”.

“Estamos a trabalhar para que esta sensibilização aumente, não só da sociedade em geral, mas das entidades que lidam com estas pessoas nos momentos mais críticos, seja quando os homicídios acontecem, seja depois durante todo o processo judicial”, adiantou.

# MARKETEER

## APAV quer fazer STOP à violência no namoro

14/02/2017 Notícias 0



“Só pára quando fizeres STOP” é o mote da campanha desenvolvida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para assinalar o Dia dos Namorados. Lançada, hoje, nas redes sociais, a campanha pretende lembrar às vítimas de violência no namoro que a situação apenas mudará quando as próprias decidirem agir.

Com criatividade da Carmen, “#FazStop” recorre a GIFs, um dos formatos mais utilizados para comunicar nas rede sociais, para mostrar como a violência no namoro pode acontecer com qualquer casal, hetero ou homossexual. A opção por este formato prende-se ainda com a repetição constante do mesmo movimento, algo que também acontece com as vítimas e agressores.

“Para fazer STOP, basta entrar em contacto com a APAV”, lembra a associação em comunicado.

A campanha, que conta ainda com produção da FIM, também pode ser encontrada em imprensa através de imagens de playlists cujos títulos das músicas e vídeos remetem para frases ditas por agressores.

## APAV registou quase duas mil vítimas em 2015

RTP

22 Fev, 2017, 10:16 | País

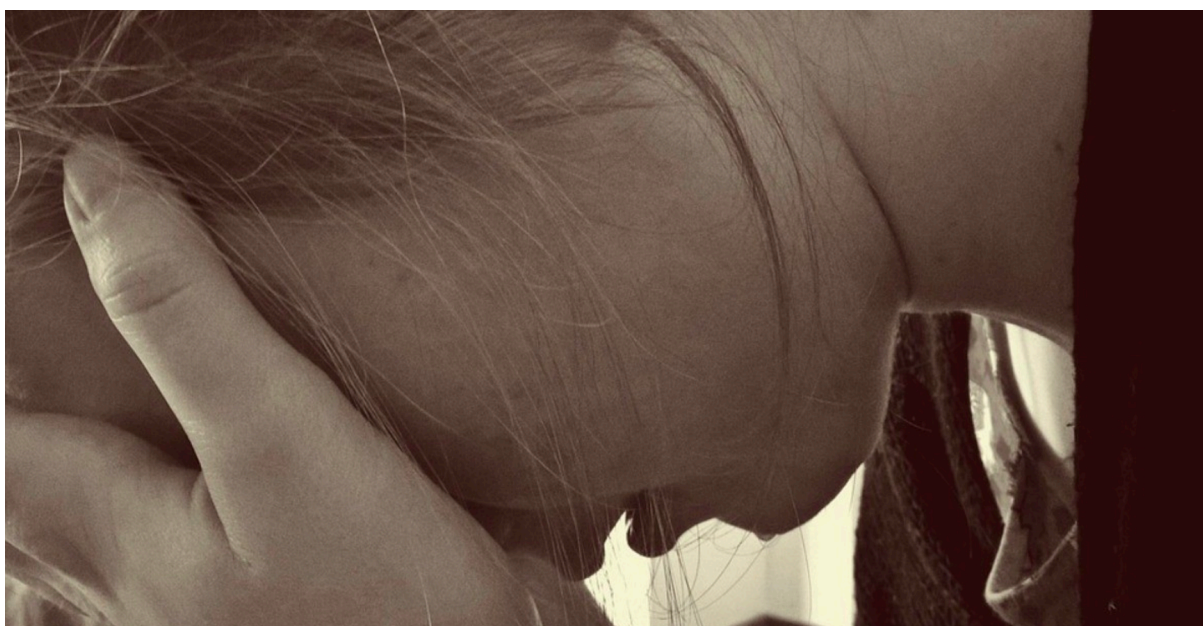


A maioria das vítimas é do sexo feminino, sendo que só em 310 casos em que a vítima é o homem. A situação mais prevalente são os maus tratos físicos e psíquicos no âmbito da violência doméstica.



João Lázaro, presidente da Associação de Apoio à Vítima, destaca que existe uma maior sensibilização da população, dos decisores políticos e na própria legislação.

## APAV: só 40% das denúncias de discriminação resulta em queixa



01 de fevereiro de 2017 às 13:55

**APAV: só 40% das denúncias de discriminação resulta em queixa**

Em cinco anos, 310 pessoas pediram ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), mas menos de 40% apresentou queixa à polícia.

Entre as 310 denúncias de discriminação pela cor da pele, etnia, religião ou orientação sexual, apenas 63 casos apresentaram queixa na polícia, entre os anos 2011 e 2015.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima fala num fenómeno invisível, que não pode continuar remetido ao silêncio.

No mais recente relatório estatístico sobre vítimas de discriminação, a APAV mostra que mais de 60% das vítimas eram estrangeiros, principalmente da América do Sul. A esmagadora maioria dos agressores eram portugueses. As vítimas tanto são homens como mulheres.